

Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço

Official Maps and Everyday Life Cartography: Tensions Movements of Experiences in Space

Mapas Oficiales y Cartografías del Cotidiano: Tensionamiento de las Experiencias en Espacio

O artigo é parte da pesquisa de doutorado em andamento, "Cartografias do cotidiano para colorir cidades", realizada sob orientação de Xico Costa no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Camila Benezath Rodrigues Ferraz, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, camilabenezath@hotmail.com, Salvador, Brasil.

Resumo

O mundo pode ser representado em ponto, linha e polígono? Mapas são espelhos do mundo? O artigo apresenta estes questionamentos para discutir formas de aproximações com o espaço urbano em sua complexidade. Para tanto, tensionamos os conceitos de cartografia em suas duas vertentes: enquanto disciplina que normatiza a produção de mapas oficiais e enquanto processo metodológico da experiência na cidade. A primeira vertente se apoia na ciência moderna para produção de mapas aparentemente imparciais. Isso esconde que mapas são necessariamente representações generalizadas e reduções da complexidade do espaço. A segunda vertente se aproxima da ideia de rizoma. Nesse sentido, a cartografia enquanto processo metodológico é aberta para outras entradas,

combinações e desdobramentos. Chamamos de cartografias do cotidiano quando esse processo se volta para as práticas cotidianas. Levantamos ainda a possibilidade do uso de *sites* e aplicativos de geovisualização e geocolaboração, como diários de bordo virtuais. Essa prática é adequada apenas quando considerada como ferramenta e não como produto final e poderia ser uma tática desviacionista, ao se apropriar de técnicas usadas pela estratégia de produção de mapas oficiais para construção de outros olhares sobre a cidade, para além de estigmas difundidos pelos mapas oficiais.

Palavras-chave: mapas oficiais; cartografia do cotidiano; metodologia.

Abstract

Can the world be represented by point, line, and polygon? Are maps the world's mirrors? This paper starts with those questions in order to discuss some ways to study urban space in its complexity. Therefore, we tensioned the concepts of cartography into two aspects: as a discipline, which rules the production of the official maps and as a methodological process for the experience in the city. The first part is based on modern science to produce maps apparently impartial. It hides that maps are generalized representations and reductions of the space complexity. The second part approaches the concepts of cartography and the one of rhizome. The cartography, understood as a methodological process, opens itself to other inputs, combinations, and developments. We call it everyday life cartography, when this process is focused in everyday practices. In addition, we showed that is possible to use websites and applications of geo-visualization and geo-collaboration as virtual log books. This practice is adequate only when considered as a tool and not as a final product. It would be a deviationist tactic, as it appropriates techniques used by the strategy of producing official maps to construct other points of views about the city and to overcome stigmas broadcast by the official maps.

Keywords: Official maps; everyday life cartography; methodology.

Resumen

¿El mundo puede ser representado en punto, línea y polígono? ¿Los mapas son espejos del mundo? El artículo presenta estas preguntas para discutir formas de acercamientos con el espacio urbano en su complejidad. Para ello, tensamos los conceptos de cartografía en sus dos aspectos: mientras que la disciplina que regula la producción de mapas oficiales y mientras que un proceso metodológico de la experiencia en la ciudad. La primera parte se apoya en la ciencia moderna para producir mapas aparentemente imparciales. Esto oculta que los mapas son representaciones generalizadas y reducción de la complejidad del espacio. La segunda parte se acerca a la idea de rizoma. En este sentido, la cartografía, como procedimiento metodológico se abre para otras entradas, las combinaciones y desarrollos. Llamamos cartografías del cotidiano, cuando este proceso se vuelta a las prácticas diarias. Además planteamos la posibilidad de la utilización de sitios Web y aplicaciones de geo-visualización y geo-colaboración como diários de a bordo virtuales. Esta práctica es conveniente sólo cuando la considera como una herramienta y no como un producto final y podría ser una tática desviacionista, al

apropriarse de las técnicas usadas por la estrategia de producción de mapas oficiales para la construcción de otras miradas sobre la ciudad, aparte de estigmas disseminados por los mapas oficiales.

Palabras Clave: Mapas oficiales; cartografía de lo cotidiano; metodología.

INTRODUÇÃO

"O mundo pode ser representado em ponto, linha e polígono". "Mapas são espelhos do mundo". Tais afirmações são comuns ao processo de mapeamento, mas sobre elas pontuamos alguns questionamentos. Que mundo representamos com esses elementos? Seria essa representação uma simplificação de nossos olhares para a vida cotidiana? O espelho é capaz de refletir a complexidade das cidades ou algumas áreas permanecem opacas?

Mapas não são apenas desenhos, mas são discursos vinculados a determinado espaço-tempo. Estão diretamente comprometidos pelas intenções do autor e pelas expectativas da audiência. Saberes-poderes contribuem para promoção de estigmas sobre áreas da cidade, quando realizadas atividades aparentemente simples e corriqueiras, como consultar mapas online.

A partir das questões acima, o artigo tem como objetivo discutir formas de aproximações com o espaço urbano em sua complexidade. Buscamos por metodologias para construção de discursos que priorizem as práticas cotidianas, no sentido de enfrentar estigmas sobre áreas das cidades. Tais estigmas, como os chamados "Centros Históricos", são usados para justificar publicidades turísticas e intervenções urbanas que tomam a memória como mercadoria e espetáculo e que promovem ações desvinculadas das práticas cotidianas locais.

Para tanto, tensionamos os conceitos de cartografia em duas vertentes: enquanto disciplina que normatiza a produção de mapas oficiais e enquanto processo metodológico para experiência na cidade^{1,2}. Em seguida, levantamos a possibilidade de uma tática desviacionista ao usar *sites* e aplicativos de geovisualização e geocolaboração, como diários de bordo virtuais. Essa tática apropria-se de técnicas usadas pela estratégia de produção de mapas oficiais para possibilitar difusão e construção de narrativas que priorizem práticas cotidianas, em vez de reforçar os estigmas do saber-poder hegemônico.

¹ A discussão sobre conceitos de cartografias foi iniciada durante a Especialização em Geoprocessamento, realizada pela PUC Minas Virtual, sob orientação de Sandro Laudares e concluída em 2016. Essa discussão também está presente na pesquisa de doutorado em andamento realizada sob orientação de Xico Costa no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA).

² Ao longo do artigo, empregamos o termo experiência em sua dupla compreensão enquanto experiência vivida (*das Erlebnis*) e experiência narrada (*die Erfahrung*) (GAGNEBIN, 2014).

Cabe destacar que o artigo não pretende esgotar a discussão sobre os conceitos de cartografia nem sobre possíveis formas de aproximações com o espaço urbano em sua complexidade. Ao longo do texto, o leitor pode encontrar possíveis desvios que podem ser tomados na busca pelo aprofundamento de conceitos apenas tangenciados neste trabalho. Como uma cartografia entendida enquanto processo metodológico, o artigo se apresenta como parte de um processo rizomático em permanente construção.

CARTOGRAFIA ENQUANTO DISCIPLINA PARA CONSTRUÇÃO DE MAPAS

Mapas com sistemas de projeções geográficas, pontos cardeais, escala e simbologia surgiram por volta do século XV (WOOD; FELS; KRYGIER, 2010), período marcado por grandes navegações e conquistas de novos territórios. Admitir a existência de mapas só a partir da Idade Moderna é admitir que esses são essencialmente instrumentos bélicos (LACOSTE, 1988), já que para conquistar um território "é preciso reconhecê-lo em suas mais diversas variantes - e aí incluem-se desde as fronteiras disputadas até os acidentes geográficos a serem vencidos" (SOUSA, 2012, p. 46).

O interesse conquistador aproveitou a ciência moderna para garantir aparente imparcialidade aos mapas, por meio do uso da geometria e da matemática na representação das relações espaciais. Nada mais apropriado do que a objetividade das ciências exatas para afirmar seu interesse sobre o do outro. O mapa assumiu, portanto, papel hipnotizador para o leitor: é como se ele dissesse "'leia-me cuidadosamente, siga-me de perto, não duvide de mim'. Diz, 'eu sou a Terra na palma da sua mão. Sem mim, você está sozinho e perdido'." (HARLEY, 1989, p. 1, tradução nossa)³.

Para reforçar a imparcialidade atribuída aos mapas e assegurar que esses estejam "corretos", sua elaboração é regulamentada em procedimentos estabelecidos por autoridades reconhecidas, tais como a *Internacional Cartographic Association* (ICA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o IBGE (1998), o processo de mapeamento envolve três fases distintas: concepção, produção e utilização. A fase de concepção inclui o planejamento da produção, no qual o autor deve se perguntar qual a finalidade do mapa, para qual uso e para quem se destina. Além disso, define-se procedimentos, materiais, cores e convenções a serem adotados. Ainda nesse primeiro momento, deve ser realizado inventário sobre a documentação existente, que servirá de subsídio para elaboração do mapa. Na fase de produção, o planejamento se materializa em métodos como aerofotogrametria e levantamento de campo. Nessa fase, as informações obtidas são organizadas. Por fim, na fase de utilização, as informações estão prontas para serem disponibilizadas em forma de mapa. O usuário pode combiná-las com informações obtidas em outros mapas e desenvolver estudos específicos. Todavia, ao usuário não cabe o benefício da dúvida; os métodos rigorosamente respeitados transformam os mapas em "espelho do mundo".

³ Do original "A map says to you, 'read me carefully, follow me closely, doubt me not'. It says, 'I am the earth in the palm of your hand. Without me, you are alone and lost!'"

O conceito de cartografia adotado pela *International Cartographic Association (ICA)* tem sido modificado desde a década de 1960. Segundo Arlete Meneguette (2013), durante o XX Congresso Internacional de Geografia em 1964, a cartografia foi definida como

conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, com vistas à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, assim como sua utilização (MENEQUETTE, 2013, p. 3).

Posteriormente, em 1995, a definição de cartografia passou a ter como foco questões relativas ao estudo, concepção, produção e difusão de mapas. Em 2003, uma nova definição foi proposta, a qual considerou cartografia como

a disciplina que envolve a arte, a ciência e a tecnologia de construção e uso de mapas, favorece a criação e manipulação de representações geoespaciais visuais ou virtuais, permite a exploração, análise, compreensão e comunicação de informações sobre aquele recorte espacial (MENEQUETTE, 2013, p. 5).

Novamente, o foco para definição de cartografia recaiu sobre o mapa. O mapa, ainda segundo Arlete Meneguette (2013, p. 7), foi definido como "representação simbolizada da realidade geográfica, representando características selecionadas, resultante de esforço criativo da escolha de seus autores e projetado para quando as relações espaciais são de primeira importância".

A definição acima, proposta pela ICA em 2003, evidencia a parcialidade dos mapas. Nela fica claro que mapas possuem finalidades, generalizações, distorções da realidade e autoria, seja de profissional técnico, instituição ou empresa de mapeamento (SOUSA, 2012). Isso nos leva a assumir que mapas são discursos carregados de saber-poder que implicam em subjugar o outro a partir de interesses próprios (FOUCAULT, 2010). Todos os mapas se esforçam para enquadrar sua mensagem ao contexto da audiência, declaram um argumento sobre o mundo e são proposicionais por natureza (HARLEY, 1989).

Tomemos como exemplo o mapa temático do "Visitar Vitória". O serviço desenvolvido pela Secretaria Municipal de Turismo, Trabalho e Renda da prefeitura de Vitória é um projeto dentro do "Programa de Revitalização do Centro de Vitória" e tem como principal objetivo "promover e consolidar o Centro Histórico de Vitória" (VISITAR, 2017). Para tanto, oferece visitas monitoradas à sete edificações identificadas como patrimônios históricos. Como parte da divulgação do serviço, foram distribuídos mapas temáticos⁴, nos quais apenas algumas edificações, monumentos, pontes e ruas estão identificados como "pontos de interesse turístico e cultural". A escala adotada para o mapa delimita o "Centro Histórico" entre dois desses pontos: a Ponte Florentino Avidos (Cinco Pontes) e o Clube de Regatas Saldanha da Gama. A baía de Vitória também foi numerada para identificação em legenda e ganhou dimensões consideravelmente maiores, afastando Vitória da cidade vizinha, Vila Velha. Ruas

⁴ Disponível em: <[HTTP://WWW.VITORIA.ES.GOV.BR/ARQUIVOS/20160315_MAPA_DO_CENTRO_HISTORICO.PDF](http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20160315_mapa_do_centro_historico.pdf)>.

foram interrompidas e apenas os pontos considerados como de interesse turístico e cultural estão destacados em cores; todo o restante da área é apresentado em volumes semitransparentes. Além disso, mapa-chave com localização da área no município, legenda e pontos cardeais dão caráter técnico e menos ilustrativo ao mapa.

Outro exemplo é o mapa oficial da Prefeitura Municipal de Vitória para delimitação dos bairros. Em 2012, a administração municipal elaborou diversos mapas⁵ com os limites de bairros de acordo com o estabelecido pela Lei nº 6.077, de 29 de dezembro 2003. Nesses mapas estão identificadas as principais ruas e os bairros limítrofes. São utilizados elementos que contribuem para seu entendimento como mapa oficial, tais como *grid* de coordenadas geográficas, mapa-chave, legenda, escala, indicação de norte, informações socioeconômicas extraídas do IBGE e brasão da prefeitura municipal.

A delimitação de "Centro Histórico" dada pelo "Visitar Vitória" e a delimitação do bairro-centro dada pela legislação municipal não são coincidentes. O primeiro inclui trechos de outros bairros, enquanto a delimitação do bairro-centro compreende ruas que foram deixadas de lado ou interrompidas na sua definição como "Histórico". Isso nos ajuda a reforçar a ideia de que mapas não são apenas desenhos. Mapas são ferramentas de materialização de ideologias que contêm dados e discursos vinculados a determinado espaço-tempo, sendo diretamente comprometidos pelas intenções do autor e pelas expectativas da audiência.

Além disso, os exemplos nos ajudam a lembrar que mapas são representações generalizadas e reduzidas da complexidade da realidade. Ora, seria inviável e desnecessário produzir um mapa totalmente fiel ao mundo real, em uma escala 1:1, tal como o mapa produzido pelo Colégio dos Cartógrafos, no qual, ponto a ponto, mapa e Império coincidiam.

[...] Naquele Império, a Arte da Cartografia atingiu uma tal perfeição que o mapa duma só Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele. Menos Apegadas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse extenso Mapa era Inútil e não sem impiedade o entregaram às inclemências do Sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste subsistem despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos. Em todo o País não resta outra relíquia das disciplinas geográficas (BORGES, 1978 apud COSTA, 2015, p. 69)⁶.

⁵ O projeto "Vitória em Mapas" apresenta diversos mapas elaborados pela administração municipal. O mapa do bairro-centro encontra-se disponível em: <[HTTP://LEGADO.VITORIA.ES.GOV.BR/REGIONAIS/GERAL/DADOS/BAIROS_2012/CENTRO.PDF](http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/bairros_2012/centro.pdf)>.

⁶ Texto de autoria de Suárez Miranda em "Viajes de Varones Prudentes", de 1658, selecionado por Jorge Luis Borges para o livro "El hacedor", publicado em 1960. Borges deu ao fragmento o título de "El Rigor en la Ciencia" (BORGES, 1974, p. 847).

CARTOGRAFIA ENQUANTO PROCESSO METODOLÓGICO

Se não existiam mapas até o advento da Idade Moderna (WOOD; FELT; KRYGIER, 2010), como podemos nomear os elementos gráficos encontrados em Çatal Hüyük, na Turquia, e em Bedolina, na Itália?

O primeiro caso é um *picture map*⁷ datado aproximadamente 6.200 a.C. A pintura rupestre de 3 metros de extensão foi interpretada como plano do assentamento de Çatal Hüyük. Cerca de 80 retângulos estão dispostos de modo similar ao das casas encontradas durante escavações arqueológicas. O vulcão Hasan Däg em erupção também está presente na pintura. Esse vulcão era fonte de obsidiana, vidro vulcânico, uma das mercadorias mais importantes para Çatal Hüyük e base de sua riqueza (SMITH, 1987).

Já em Bedolina foram encontrados diversos fragmentos de gravuras rupestres. O chamado Bedolina 1 é um petróglifo com 2,30 x 4,16 metros, datado de aproximadamente 1500 a.C. Nele estão gravadas cerca de 183 figuras, identificadas como campos de cultivo e linhas de percurso no vale. Segundo Catherine Smith (1987), estudos concluíram que apenas 134 figuras faziam parte da composição inicial e que as demais figuras (casas, animais e figuras humanas) foram adicionadas posteriormente.

A análise elaborada por Smith (1987) chama atenção para algumas características atribuídas às artes rupestres. A primeira é a associação com a crença: a pintura encontrada em Çatal Hüyük se localiza em um ambiente, cuja arrumação foi associada à de um santuário. A segunda característica identifica a arte rupestre como produto do momento, criada para eventos específicos e sem intenção de permanecer além desses. "De fato, há evidências de sua destruição depois de seu período de utilidade: em Çatal Hüyük as paredes foram regularmente rebocadas e às vezes repintadas" (SMITH, 1987, p. 58)⁸.

Além disso, o aspecto comunicacional dos exemplos nos parece relevante: as figuras remetem a instrumentos de comunicação do sentido do lugar. Acrescentamos ainda o caráter de processualidade encontrado especialmente em Bedolina. A inclusão de elementos próximos a figuras preexistentes ou em pontos extremos indicam a tentativa de narrar a dinâmica do lugar, em permanente modificação, seja por expansão ou por adensamento.

A gravura de Bedolina nos remete também ao conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e, com ele, à cartografia enquanto processo metodológico para experiência no espaço. Em um rizoma não há totalidade, mas linhas que se conectam em múltiplas entradas. Um rizoma está sempre no meio, pode ser rompido em qualquer ponto e retomar de qualquer lugar. Um rizoma nunca é fechado em si mesmo e encontra-se em permanente construção. A cartografia,

⁷ Termo usado por Catherine Delano Smith (1987) para designar o conjunto de elementos desenhados em vista superior combinados a elementos desenhados em perfil.

⁸ Tradução nossa do original: "Indeed, there is evidence of its having been destroyed after its period of utility: at Çatal Hüyük the walls were regularly replastered and sometimes repainted".

segundo os autores, é um dos princípios do rizoma e difere-se do decalque, já que não tem intenção de imitar algo anteriormente feito. O mapa⁹

é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

Suely Rolnik (2007) pontua a diferença entre mapa e cartografia. Para a autora, mapa é uma representação estática do mundo, em que são distribuídos objetos e fenômenos sobre a superfície terrestre em diferentes escalas. A cartografia, por sua vez, é como um rizoma e se constrói processualmente. Sua construção se dá pelo movimento do corpo curioso e vibrátil do cartógrafo, "ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro" (ROLNIK, 2007, p. 50). Essa definição se aproxima da definição dada pelo ICA em 1964, pois vincula cartografia às formas de percepção e expressão do mundo, produção de subjetividades e não unicamente à construção e à utilização de mapas.

A cartografia, enquanto processo metodológico, está vinculada à ideia de apresentação, copresença e multiplicidade de tempos e espaços em distintos suportes físicos, virtuais e corporais. Ela não pressupõe a existência de métodos ou fases sucessivas previamente estabelecidas para alcançar objetivos, como o estabelecido pelo IBGE para elaboração de mapas oficiais. Nem poderia, já que se trata de um processo rizomático.

Colocando-se em "perigo", o cartógrafo descobre quais passos deve seguir e como seu território se forma. Não há um "protocolo normalizado", de modo que cada cartógrafo é livre para seguir suas pistas e inventar "regras de ouro" que atendam às suas necessidades (ROLNIK, 2007). Da mesma forma, não existem pré-requisitos: os passos podem ser desviados, pulados, prorrogados. Todavia, podemos dizer que há "uma prática preciosa para a cartografia que é a escrita e/ou o desenho em um diário de campo ou caderno de anotações" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 69). O diário de campo, caderno de anotações ou diário de bordo guarda o registro das experiências e pode atuar como um dispositivo de memória disparador de desdobramentos da pesquisa.

Ao aproximar conceito de cartografia definido por Suely Rolnik às práticas cotidianas, definimos o que chamamos de cartografias do cotidiano (FERRAZ, 2011): processo metodológico de experiência no espaço urbano a partir da esfera do vivido, das práticas cotidianas e dos "vestígios de poesias espontâneas"¹⁰. Essa aproximação parece adequada para questionar os estigmas postos por discursos e mapas oficiais a serviço do circuito de

⁹ No original é usado o termo francês *la carte*.

¹⁰ Henri Lefebvre utiliza a expressão "vestígios de poesia espontânea" para tratar de práticas do habitar que permanecem na vida urbana. "Se não lhe é dado, como oferenda e dom, uma possibilidade de habitar poeticamente ou de inventar uma poesia, ela [o ser humano] a fabricará à sua maneira. Mesmo o cotidiano mais irrisório retém um vestígio de grandeza e de poesia espontânea" (LEFEBVRE, 2004, p. 82).

valorização capitalista, no qual não há preocupação em conhecer o cotidiano do lugar ou priorizar as práticas do dia a dia como mantenedoras da diversidade urbana de uma área¹¹.

A cartografia do cotidiano se desenha entre os movimentos do corpo e o mundo que o instiga ao seu redor. O cartógrafo do cotidiano possui o olhar de viajante e procura brechas e passagens para tensionar fronteiras em "experiências de estranhamento" e "vertigens de desestruturação", mesmo quando as viagens ocorrem em situações da vida cotidiana (CARDOSO, 2002).

FERRAMENTAS DE GEOVISUALIZAÇÃO E GEOCOLABORAÇÃO ENQUANTO DIÁRIOS DE BORDO VIRTUAIS

A princípio, as ferramentas de geovisualização e geocolaboração se aproximam da noção de mapas oficiais. Entretanto, arriscamos dizer que elas podem ser utilizadas como diários de bordo para possibilitar múltiplos de tempos e vozes na construção de cartografias do cotidiano.

Segundo Arlete Meneguette (2013), o termo visualizar foi inicialmente adotado em conjunto com o termo compreender para se referir à tarefa intelectual desempenhada por técnicos no processo de mapeamento.

Virtualmente toda a pesquisa cartográfica, desde 1950 adentrando os anos 1980, que era dirigida ao uso dos mapas está confinada a uma célula da matriz, ou seja, o uso de mapas estáticos por leitores de mapa individuais e medianos desejosos de recuperar alguma informação específica (MENEQUETTE, 2013, p. 15).

Em 1987, foi dado novo significado ao termo visualizar para incluir o uso de tecnologia computacional no seu emprego e enfatizar a visualização na construção do conhecimento. Assim, a visualização inseriu-se no processo que envolve exploração, confirmação e aplicação; comunicação e apresentação; e interação.

Elaborados a partir de MacEachren na década de 1990, modelos de processo de mapeamento evidenciam mudanças ao incluir o usuário como um dos eixos definidores da construção de mapas e não apenas de sua visualização. Desta forma, nos modelos mais recentes, o processo não se restringe ao conhecimento técnico do especialista. Essa mudança fica evidenciada pela popularização da cartografia na web¹², que transformou mapas em papel e "sistema de informação geográfica (SIG) desktop em serviços de informação geoespacial distribuídos, centrados no usuário, móveis e em tempo real" (MENEQUETTE, 2013, p. 17).

¹¹ A dissertação de mestrado "Criminalidade, representação e espaço urbano: cartografias do cotidiano em itinerários por Salvador", defendida em 2011 no PPGAU-UFBA e orientada por Xico Costa inicia nossa discussão acerca da cartografia do cotidiano como um possível processo metodológico. Na ocasião, procuramos formas de relacionar criminalidade e espaço urbano sem reforçar estigmas difundidos por discursos sobre criminalidade e direcionados para algumas áreas da cidade de Salvador, Bahia (FERRAZ, 2011).

¹² Cartografia na web é o termo usado para a representação cartográfica tendo a web como meio, com ênfase no design centrado no usuário, conteúdo gerado pelo próprio usuário e acesso ubíquo (TSOU, 2011).

Ao mesmo tempo, foram desenvolvidas tecnologias que reduziram os custos do processo de mapeamento, tais como: computação em nuvem (*cloud computing*), que permite acessar arquivos e realizar tarefas diretamente online; *rich internet applications* (RIA), métodos de programação voltados para produção de aplicações na web que podem ser utilizados independentemente do lugar e do tempo; e *crowdsourcing*, modelo que aproveita soluções criativas, informações e dados de várias pessoas (*crowd*) como fonte (*source*) de conteúdo e/ou mão de obra para criação de *sites* e aplicativos (SOUSA, 2012).

Essas tecnologias permitiram o desenvolvimento da geocolaboração ao serem direcionadas aos processos de mapeamento. A geocolaboração é uma estratégia de geração de dados na qual são utilizadas observações pessoais dos usuários, navegadores GPS (*Global Position System*) e plataformas de serviço de mapa na web¹³. Os mapas resultantes desse tipo de processo de mapeamento deixaram de ser puramente apresentação de dados para se tornarem interface de acesso e construção de informação.

A reunião de alguns *sites* e aplicativos que utilizam plataformas de serviço de mapa na web e ferramentas de geovisualização e geocolaboração indica a possibilidade de adotá-las como diários de bordo virtuais para construção de cartografias do cotidiano¹⁴. Os exemplos escolhidos permitem que outras leituras e narrativas sobre as cidades sejam construídas ao apresentarem manifestações culturais no espaço público, paisagem sonoras captadas durante percursos na cidade, trechos de literatura e relatos de moradores locais. Notamos que os usuários desses *sites* e aplicativos podem combinar os registros, escolher os caminhos a seguir clicando em um ou outro *link* em um processo metodológico aberto, tal como a cartografia do cotidiano.

Além dos aplicativos e *sites* estudados, o aplicativo de geocolaboração que desenvolvemos tem como objetivo principal pensar o Centro de Vitória para além das publicidades turísticas e das intervenções urbanas que tomam a memória como mercadoria e espetáculo (FERRAZ, 2016a)¹⁵. Para tanto, os usuários são convidados a inserirem fotografias e anotações sobre os lugares por onde andam. O aplicativo permite a visualização simultânea de registros de tempos históricos distintos: fotografias e recortes de jornais datados de diferentes décadas são apresentados ao lado de anotações e fotografias atuais feitas pelos usuários. A colaboração dos usuários em fluxo contínuo, evidencia o caráter aberto e em permanente construção da ferramenta.

Isso não quer dizer que todos os mapas produzidos na web partem desse mesmo princípio: muitos dos mapas produzidos diariamente na atual

¹³ Plataformas de serviços de mapa na web oferecem informações geográficas através de sistemas simples e intuitivos e permitem que profissionais e amadores utilizem ou combinem serviços gratuitos de mapas na web com bases cartográficas de alta qualidade, por exemplo Google Maps e OpenStreetMaps.

¹⁴ Foram estudados os seguintes sites e aplicativos: Cartografia Musical de Rua do Centro do Rio; Rio Soundscape: Paisagens Sonoras Cariocas; Clarice Lispector no Rio; Audiomapa; Guia Sonoro Ciutat Vella; Onde fui roubado; e BCN Architectural Guide (FERRAZ, 2016a e 2016b).

¹⁵ O aplicativo encontra-se disponível em: <[HTTP://CARTOGRAFIAS.WIXSITE.COM/CARTOGRAFIAS](http://cartografias.wixsite.com/cartografias)> .

esquizofrenia cartográfica¹⁶ reforçam estigmas sobre as cidades ao repetir determinados saberes-poderes hegemônicos presentes nos mapas oficiais, tal como a delimitação do chamado "Centro Histórico de Vitória". Entretanto, ao adotar ferramentas típicas de mapas oficiais para questionar os estigmas por eles difundidos, parece-nos uma tática desviacionista que age internamente às estratégias tecnocráticas (DE CERTEAU, 1998).

Segundo o autor, estratégia tecnocrática é

o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado (DE CERTEAU, 1998, p. 99).

Táticas desviacionistas, por sua vez, são procedimentos que se inserem nos mecanismos das estratégias para agir internamente a elas. São ações calculadas que se aproveitam das ocasiões, infiltram-se na lógica da estratégia para jogar no terreno e no campo de visão do inimigo. O inimigo é a própria estratégia que, no nosso caso, é composta pelos gestos cartesianos da modernidade científica, política e militar que buscam forjar uma totalidade nos mapas ditos oficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não pretende esgotar a discussão sobre os conceitos de cartografia nem sobre as possíveis formas de aproximação com o espaço urbano em sua complexidade. Buscamos aqui tensionar os conceitos de cartografias em duas vertentes: enquanto disciplina que normatiza a produção de mapas oficiais e enquanto processo metodológico para experiência na cidade, especialmente a partir da esfera do vivido. Dessa forma, durante a leitura, pode-se encontrar outros desdobramentos, para além do que apresentamos.

Respaldados pela cientificidade moderna, mapas oficiais tentam esconder as intenções do autor e o esforço para encaixar sua mensagem na audiência. A cartografia, enquanto disciplina, estabelece linguagem e racionalidade cartesiana, escalas e outros elementos que garantem a aparente imparcialidade aos mapas e, ao mesmo tempo, ela afasta os mapas das práticas cotidianas. Por exemplo, o mapa temático do "Visitar Vitória" sinaliza que não há nada de "histórico" no Centro de Vitória para além do recorte apresentado, que interrompe ruas e apaga o que não é considerado de interesse turístico e cultural. Mapas são necessariamente generalizações do mundo e discursos vinculados a seu espaço-tempo. Essa afirmação coloca distorções e camadas no espelho do ditado que diz "mapas são o espelho do mundo", e evidencia que mapas refletem um contexto histórico, cultural e econômico, no qual seus autores e sua audiência estão inseridos.

¹⁶ O termo esquizofrenia cartográfica foi utilizado por Carolina Ferreira da Fonseca (2014) para tratar do momento atual, no qual centenas de mapas são produzidos e reproduzidos online, sem qualquer problematização.

Por sua vez, a cartografia entendida como processo metodológico para experiência na cidade se coloca como possibilidade de inserção no espaço em movimentos permanentes e sem roteiros predefinidos. O caráter de processualidade está presente na arte rupestre encontrada em Bedolina, onde a inclusão de elementos em diferentes tempos indica a tentativa de gravar a dinâmica do lugar. Isso nos remeteu ao conceito de rizoma. Em um rizoma não há totalidade, mas linhas que se conectam em múltiplas entradas. Um rizoma está sempre no meio, pode ser rompido em qualquer ponto e retomar de qualquer lugar. Nesse processo, a cidade não é tomada unicamente do alto, segundo sistemas de projeção geográficas, mas por meio dos afetos com os quais o corpo do cartógrafo reage para construção de outros territórios e que definem os caminhos a serem tomados.

Chamamos de cartografia do cotidiano quando esse processo é voltado para as práticas cotidianas. Essa aproximação parece adequada para questionar os estigmas postos por mapas oficiais a serviço do circuito de valorização capitalista, no qual não há preocupação em conhecer o cotidiano do lugar ou priorizar as práticas do dia a dia como mantenedoras da diversidade urbana de uma área.

Consideramos que as ferramentas de geovisualização e geocolaboração podem ser usadas como diários de bordo virtuais, uma prática valiosa para construção de cartografias do cotidiano. O uso de tais ferramentas pode ser considerado tática desviacionista ao contribuir para difusão de outros olhares sobre as cidades e possibilitar outros discursos que priorizem práticas cotidianas, em vez de reforçar saber-poderes hegemônicos.

Destacamos que os mapas produzidos por essas ferramentas não podem ser considerados "resultados" do que chamamos de cartografias do cotidiano. As cartografias do cotidiano não possuem uma materialidade específica, de modo que podem tomar corpo em histórias, diagramas, vídeos, desenhos, séries fotográficas, coreografias. O importante é entendê-las em seu caráter rizomático, um processo que se encontra sempre aberto para outras entradas, combinações e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.
- COSTA, X. Imagem e experiência de apreensão da cidade. In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra, DRUMMOND, Washington (Org.). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.
- CARDOSO, S. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FERRAZ, C. B. R. *Criminalidade, representação e espaço urbano: cartografias do cotidiano em itinerários por Salvador, Bahia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- FERRAZ, C. B. R. *Geovisualização e Geocolaboração como apoio para construção de cartografias do cotidiano: protótipos para o Centro de Vitória, Espírito Santo*. Monografia (Especialização em Geoprocessamento) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Salvador, 2016a.
- FERRAZ, C. B. R. Mapas na web e Centros Históricos: outros olhares sobre a cidade. In: *Seminário Internacional Urbicentros V*, João Pessoa, 2016b.
- FONSECA, C. F. da. *Tramas Cartográficas Contemporâneas: sobre política, representação e produção da cidade*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- FOTIADIS, P. *The strange power of maps: how maps work politically and influence our understanding of the world*. Bristol: University of Bristol, 2009.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- GAGNEBIN, J. M. Entrevista. *Redobra 14*, Salvador, ano 5, n. 14, p.13-17, 2014. Entrevista concedida Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- HARLEY, J. B. Deconstructing the map. *Cartographica*, v. 26, p. 1-20, 1989. Disponível em: <[HTTP://HDL.HANDLE.NET/2027/SPO.4761530.0003.008](http://hdl.handle.net/2027/spo.4761530.0003.008)>. Acesso em: 27 nov. 2015.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Noções básicas de cartografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.
- LACOSTE, Y. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MENEGUETTE, A. A. C. Cartografia no século 21: revisitando conceitos. *Revista Geografia e Pesquisa*. Ourinhos, v. 6, n.1, jan/jun. 2013. Disponível em: <[HTTPS://UNESP.ACADEMIA.EDU/ARLETEMENEGUETTE](https://unesp.academia.edu/ARLETEMENEGUETTE)>. Acesso em: 1º mar. 2016.

PAULA, L. T. de. *O reencontro cartográfico: uma viagem pelas carto-crônicas de Jörn Seemann*. Geograficidades. v. 3, número especial, Primavera. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SMITH, C. D. Cartography in the prehistoric period in the old world: Europe, the Middle East, and North Africa. In: HARLEY, John Brian; WOODWARD, David. *The history of Cartography: Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europa and the Mediterranean*, v.1. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

SOUSA, P. V. B. de. *Mapas colaborativos na Internet: um estudo de anotações espaciais dos problemas urbanos*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2012.

TSOU, M. H. Revisiting web cartography in the United States: the rise of user centered design. *Cartography and Geographic Information Science*, v. 38, n. 3, p. 250-257, Jul. 2011.

VISITAR Centro Histórico. Vitória, 14 fev. 2017. Disponível em: <[HTTP://WWW.VITORIA.ES.GOV.BR/CIDADE/VISITAR-VITORIA](http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/visitar-vitoria)>. Acesso em: 19 maio 2017.

VITÓRIA (Município). *Lei nº 6.077*, de 29 de dezembro de 2003. Regulamenta a organização do Município em bairros e dá outras providências. Disponível em: <[HTTP://SISTEMAS.VITORIA.ES.GOV.BR/WEBLEIS/ARQUIVOS/2003/L6077.PDF](http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/arquivos/2003/L6077.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2017.

WOOD, D.; FELLS, J.; KRYGIER, J. *Rethinking the power of maps*. New York: The Guilford Press, 2010.